

Taxas de juros mantêm impasse

NOVA IORQUE — As taxas de juros e de risco que deverão incidir sobre o empréstimo-ponte dos bancos para financiar parte dos juros atrasados devidos pelo Brasil desde a moratória continuaram ontem a impedir o acordo nas negociações sobre a dívida. Membros da delegação brasileira ecoaram as esperanças de um acordo a curto prazo manifestadas por membros da equipe econômica, mas os porta-vozes dos bancos credores continuaram a afirmar que “até agora não temos nada a anunciar”. No cair da noite de ontem, um banqueiro que saía do edifício na Lexington Avenue onde estão sendo feitas as negociações disse que “temos mais longas horas de discussão difícil pela frente”.

Em parte, as expectativas de um anúncio foram estimuladas por sinais do chefe da equipe brasileira, Fernão Bracher. Por volta das três horas da tarde ele surgiu numa janela do segundo andar e, atrás do vidro, primeiro fez o gesto de quem ia rezar e, logo em seguida, levan-

tou um braço como um boxeador vitorioso ao fim de uma luta. Mas Bracher parecia estar brincando com o grupo de jornalistas que tem passado de 10 a 15 horas diárias à frente do edifício, à espera do anúncio de um acordo. Sabe-se que ele tem recomendado absoluto silêncio das autoridades econômicas a respeito da negociação. Além disso, tem observado disciplinada resignação diante das demoras, evitando fazer comentários ou dar pormenores sobre o andamento das negociações.

Em certa medida, os sinais frequentes de impaciência dados por membros da equipe econômica devido à demora no anúncio de um acordo são vistos por alguns observadores como contraproducentes. “Negociação é assim. O primeiro sinal de um mau negociador é dar sinais de desespero ou de que precisa de um acordo rapidamente. Nesses casos os opositores empacam, esperando concessões dos impacientes”, disse um profissional do ramo.